



O SR. PRESIDENTE (Washington Coração Valente. PDT - RS) - Boa tarde a todos.

Esta reunião de audiência pública está sendo realizada em razão da aprovação do Requerimento nº 248, de 2018, de iniciativa do Deputado Washington Coração Valente. Visa ao debate sobre a atual situação das atividades esportivas de contraturno escolar.

Para dar início às apresentações, convido para tomar lugar à mesa a Sra. Jacqueline Queiroz de Melo, Assessora Técnica da Coordenação-Geral de Ensino Fundamental, do Ministério da Educação; o Sr. Comandante José Ferreira de Barros, Coordenador-Geral do Programa Forças Armadas no Esporte — PROFESP; o Sr. Wilson Alves Cardoso, Presidente do Instituto para o Desenvolvimento da Criança e do Adolescente pela Cultura e Esporte — IDECACE.

Foram convidados e justificaram ausência o Sr. Ulisses de Araújo, representante da Associação de Centros de Treinamento de Educação Física Especial; e o representante do Governo do Distrito Federal. Também foi convidado, mas não justificou a ausência, o representante do Ministério do Esporte.

Eu gostaria de citar a presença do Deputado Vicente Candido, que também faz parte desta Comissão do Esporte. Muito obrigado, Deputado.

Antes de passar às exposições dos nossos convidados, desejo informar as regras de condução dos trabalhos desta audiência pública. O convidado deverá limitar-se ao tema em debate e disporá de 10 minutos para suas preleções, não podendo ser aparteado. Após as exposições, serão abertos os debates. Os Deputados interessados em interpelar os palestrantes deverão inscrever-se previamente, e poderão fazê-lo estritamente sobre o assunto da exposição, pelo prazo de 3 minutos. Será permitida réplica de qualquer participante que seja citado durante os debates.

Comunico também que esta audiência pública está sendo transmitida pelo portal *e-Democracia*, com *link* disponível na página da Comissão do Esporte, no portal da Câmara dos Deputados, o que possibilita a participação popular por meio de perguntas dirigidas a esta Comissão.

Antes das exposições dos convidados, eu gostaria de falar um pouco sobre o assunto.

Eu tive a oportunidade de ser Secretário de Esportes em Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul. Naquele período, tivemos uma felicidade ou uma alegria muito grande de inserir o esporte no contraturno escolar. Eu acredito que o esporte é a principal ferramenta



de transformação social, de transformação de crianças e adolescentes, de transformação do indivíduo.

Eu sou até suspeito ao dizer isso, porque fui atleta de futebol. Dentro do esporte, eu aprendi o que é disciplina e aprendi o que é dar valor à vida. O esporte me trouxe o formato de cidadão brasileiro. Através do esporte, eu pude transformar a minha vida e a vida da minha família.

Por isso, hoje eu me coloco na obrigação de ajudar e me coloco à disposição do esporte, para desenvolvê-lo e para levá-lo às crianças e adolescentes, porque vejo que é nesta idade, a partir dos 6 anos ou 7 anos, que temos que trabalhar a formação dos garotos.

Dentro do projeto que fiz em Caxias do Sul, colocamos o esporte no contraturno escolar. Crianças que porventura estudavam de manhã, iam para casa para se alimentar e voltavam à escola. Nós oferecíamos condução, ginásio e professores, para que as crianças se desenvolvessem. Assim, conseqüentemente, nós as estávamos tirando das ruas. Nós estávamos evitando que elas se aproximassem das drogas, das oportunidades negativas, da bandidagem. Isso trouxe transformação. Hoje caiu, muito significativamente, a bandidagem na cidade.

Automaticamente, depois daquele período, nós fizemos um trabalho de estudos. Houve o crescimento curricular das crianças. As suas notas escolares foram melhores, a partir do momento em que desempenharam um esporte.

Não existe criança que não goste de esporte. Não existe criança que não goste, independentemente do esporte que pratique. Nós oferecemos futebol, vôlei, basquete, judô, caratê, ginástica olímpica. Oferecemos, enfim, muitos esportes, para que elas escolhessem a modalidade que quisessem e nela se desenvolvessem. Nós já temos na esfera nacional crianças representantes do seu esporte. Para nós, isso foi um grande ganho.

Eu coloco como um desafio para os senhores. Hoje nós temos, no ensino fundamental 1, do 1º ao 4º ano, aproximadamente 15,3 milhões de crianças. No ensino fundamental 2, nós temos aproximadamente 12 milhões de crianças. No ensino médio, temos aproximadamente 7,9 milhões. Trata-se de um total de 35 milhões de crianças e adolescentes que podem ter a oportunidade do contraturno escolar inserido no esporte. Este é um grande desafio.



Nós tivemos muitas parcerias de empresas privadas. É claro que o Governo não tem condições de caminhar sozinho, porque caminhar sozinho não é fácil. Mas eu acredito que, com parcerias público-privadas, poderemos ter muito sucesso nessa questão.

No que refere a este assunto, eu fico um pouco entristecido. Quero assinalar que, infelizmente, nós não temos nesta audiência nenhum representante do Ministério do Esporte, e não houve justificativa alguma. Tenho este sentimento não só como homem público: é um sentimento pessoal, como ex-atleta. Temos a oportunidade de realizar uma discussão tão nobre, já que vamos discutir o futuro da educação — é o futuro do esporte, é claro, mas é também o futuro da educação — e o futuro da segurança pública. Nós estamos mexendo na segurança pública também. Nós estamos tirando futuros bandidos das ruas. Isso, lá na frente, nós vamos sentir. Talvez não seja um projeto a curto prazo. Pode ser um projeto de médio ou longo prazo, mas será muito estimado, será muito bem visto. Será extremamente importante no futuro. E aqui, como surpresa desagradável, nós não temos um representante do Ministério do Esporte, que é a grande influência do esporte hoje.

Mas vamos debater. Há pessoas importantes na Mesa, como citei agora. Vamos conversar sobre este assunto. Tenho certeza de que, num futuro breve, vamos ter condição melhor para discutir o esporte.

Inicialmente, eu passo a palavra à Sra. Jacqueline Queiroz de Melo.

A SRA. JACQUELINE QUEIROZ DE MELO - Boa tarde a todos e a todas! É um prazer, é uma satisfação estar aqui para discutir um tema tão importante.

As palavras "educação" e "esporte" caminham juntas. Nós cremos nisso. Aqui represento a Coordenação-Geral de Ensino fundamental, do Ministério da Educação, onde está inserido o programa Novo Mais Educação, que traz essa abordagem. Realmente, essa parceria se faz muito forte, porque acreditamos que somente através da integração esporte e educação e somente através de uma ação interdisciplinar se pode fazer uma caminhada de sucesso, principalmente com os jovens dos anos finais do ensino fundamental. Este é o nosso grande tema de discussão no momento.

Começo a minha apresentação falando um pouquinho da estrutura do Novo Mais Educação.

(Segue-se exibição de imagens.)



Nós temos uma divisão. Até 2014, nós tínhamos o Programa Mais Educação, que tinha uma abordagem um pouco diferenciada.

Quero falar um pouquinho da minha experiência. Estou há 4 anos no Ministério da Educação, na Coordenação-Geral de Ensino Fundamental, mas sou professora de biologia. Como trabalho com jovens do ensino fundamental, principalmente dos anos finais, consigo falar com mais tranquilidade sobre este assunto.

O Novo Mais Educação traz um diferencial, que é o foco em língua portuguesa e matemática, não deixando de lado as atividades complementares. Neste ponto, focamos principalmente o esporte, que é uma das atividades mais solicitadas pelo Novo Mais Educação.

Qual é o objetivo do Novo Mais Educação? É a melhoria da aprendizagem em língua portuguesa e matemática, abrindo-se a oportunidade de escolas participarem do programa, mesmo aquelas escolas que não apresentavam condições de trabalhar no contraturno, como era proposto no antigo Mais Educação. O programa anterior previa no mínimo 7 horas de extensão ou 3 horas a mais diárias no contraturno, e no mínimo cinco refeições diárias. E algumas escolas não apresentavam essa condição. Não tinham refeitório estruturado, não tinham quadras, não tinham a estrutura básica para desenvolver o programa com essa carga horária tão extensa. O novo programa vem com a vertente de oferecer a opção de 5 horas ou de 15 horas a mais, com a justificativa de promover o desenvolvimento, mas não somente da parte de aprendizagem complementar em língua portuguesa e matemática, mas de toda a parte socioemocional do estudante.

Com essa nova estrutura, o programa continua com facilitadores e mediadores, que no antigo programa recebiam o nome de monitores. Eram aqueles voluntários que ajudavam a complementar as atividades que já eram desenvolvidas no turno regular.

Esses facilitadores e mediadores têm uma característica muito importante no programa. Por quê? Pela função do facilitador e do mediador. O facilitador, como estamos debatendo agora, é que vai mediar essas atividades complementares. A escola pode fazer a escolha na hora em que preenche o plano de atendimento. Na hora em que preenche o plano de atendimento e sinaliza para nós como vai trabalhar essas horas complementares, a escola já diz se vai trabalhar o futebol, o vôlei, o basquete, a natação. De acordo com a realidade e com o PPP (plano político-pedagógico), a escola desenvolve um plano e sinaliza para nós quantas crianças pretende atender e quantas horas de português e matemática



vai trabalhar. Quem escolhe 15 horas, trabalha 8 horas de português, 8 horas de matemática e 7 horas de atividades complementares. Isso é distribuído durante a semana.

Feita essa sinalização, quem tem o papel de fazer essa atividade complementar? Esse facilitador. E quem é esse ator do programa? É um voluntário. Geralmente, é alguém da comunidade escolar. Pode ser um professor? Pode. Pode ser um professor da rede? Pode, mas pode ser alguém da comunidade ou um professor que não seja necessariamente da escola. Ele trabalha como voluntário e desenvolve a atividade que mais se identifica com a escola. Por isso é uma atividade de livre escolha. Não direcionamos nenhuma atividade, porque eles têm que nos dizer se têm condições para fazer basquete, se eles têm condições de ofertar vôlei, e até se eles têm condições de oferecer tênis. Alguns esportes são característicos de algumas escolas, desenvolvidos nesse contraturno.

Eu trouxe um mapa de como é o Novo Mais Educação, nessa nova vertente. Mostramos quantas escolas são atendidas, tanto em 2017 quanto em 2018.

Por que nós trouxemos este comparativo? Porque até 2014, como havia macrocampos, esses macrocampos abriam um leque muito grande de opções. Nós tínhamos uma infinidade de atividades esportivas que as escolas poderiam escolher. Nós tínhamos um termo de cooperação entre o Ministério da Educação e o Ministério do Esporte. Através do Ministério do Esporte, as escolas recebiam alguns *kits* para desenvolver atividades esportivas. Havia muito mais atividades que poderiam escolher.

A partir de 2017 — a adesão, no caso, foi no final de 2016, para execução em 2018 —, essas escolas fizeram a opção. Eu só queria deixar claro que as escolas que fazem a opção por 5 horas para participar do programa não desenvolvem atividade, porque têm somente 5 horas a mais por semana, então não têm condições de desenvolver atividade esportiva nenhuma, nem esporte, nem lazer. Elas têm só atividades complementares das áreas de português e matemática. Essa carga horária é montada também de acordo com a realidade da escola. Pode ser 1 hora a mais por dia; podem ser duas vezes na semana, 2 horas a mais. As escolas têm essa liberdade.

Aqui nós temos um comparativo de quantos fizeram adesões e a distribuição aproximada de recursos, tanto em 2017 quanto em 2018. Vemos algo bem interessante. Observem a quantidade de atividades complementares que são desenvolvidas principalmente pelos mediadores e pelos facilitadores. Este gráfico é bem significativo para



nós, porque temos um referencial de quantos alunos são atendidos, principalmente nos anos finais.

Até 2017, o Mais Educação atendia crianças do 1º ao 9º ano. No final de 2017, nós recebemos os resultados da Avaliação Nacional da Alfabetização — ANA. Foi identificado pelo Ministério da Educação que os resultados das crianças que participaram da avaliação da ANA eram muito críticos.

A partir disso, o programa sofreu novo redirecionamento. No 1º e 2º anos, quando as crianças estão sendo alfabetizadas, elas são inseridas num novo programa do Ministério, que se chama Mais Alfabetização. Trata-se de programa com foco na alfabetização dessas crianças, para que, no final do 2º ano, elas consigam fazer a avaliação. Na verdade, já devem estar alfabetizadas. Fazer a avaliação é a consequência, é a fase final. O objetivo é que elas possam participar da avaliação da ANA realmente alfabetizadas.

Em 2018, o Mais Educação começa a atender do 3º ao 9º ano. Neste caso, nós já temos outro público. O 1º ano e o 2º anos ficaram especificamente para o Mais Alfabetização. A partir de 2018 nós já não atendemos mais crianças do 1º ano e 2º anos. Quando a escola vai preencher o plano de atendimento, nós pedimos que as crianças a serem atendidas sejam do 3º ano em diante. Quero somente deixar isto claro para os senhores, porque foi uma mudança significativa. Portanto, esses estudantes que estão sendo atendidos, entenda-se, são do 3º ano em diante.

Eu trouxe um gráfico para os senhores entenderem como está a distribuição de recursos nos Estados. O Estado que recebeu maior recurso e tem o maior número de adesões em 2018 é a Bahia. Aqui nós apresentamos a distribuição bem específica de quantos estão sendo atendidos por região.

Considero este dado muito interessante, porque é muito significativo para o nosso entendimento. As escolas tinham a opção de trabalhar com 15 ou com 5 horas. Foi o que dissemos no começo. Observem a quantidade de escolas que escolheram trabalhar com 15 horas, em 2017. Todas as que fizeram essa opção desenvolvem atividades de esporte. Em 2017, foram 85%; em 2018, 93% das escolas atendidas desenvolvem atividades no contraturno.

(Intervenção fora do microfone.)

A SRA. JACQUELINE QUEIROZ DE MELO - Sim, todas essas que estão aqui apresentadas. Por isso eu disse que este dado é bem significativo para nós. Elas tinham a



opção, na hora de fazer a adesão. Poderiam trabalhar com 5 horas a mais por semana, ou com 15 horas a mais. Todas as que optaram por 15 horas estão contempladas aqui. Das 38.467, em 2017, 85% optaram por ter essa complementação, não só em português e matemática. Optaram por manter as atividades — nós fizemos o levantamento — de vôlei, judô, natação, basquete, futebol. Futebol é o campeão, mas muitas outras atividades são selecionadas, conforme mostramos ali. Em 2018, 95% das escolas também optaram por 15 horas.

Para nós, isso é muito significativo. A minha xará Jaqueline Moll falava uma coisa muito interessante. Havia muita briga de turno e contraturno. Lembram-se daquela história? Parecia que era sempre assim: o turno era onde se iria estudar, e o contraturno seria onde se poderia dançar ou fazer um esporte, etc. Esta visão de as escolas optarem pelas 15 horas é muito significativa para nós, pois as escolas entenderam que não é turno e contraturno: é uma coisa só, uma coisa interligada.

(Intervenção fora do microfone.)

A SRA. JACQUELINE QUEIROZ DE MELO - Aqui são só escolas do 3º ao 9º ano. Lembram-se de que já reduzimos? Portanto, são realmente 7.012. Já temos um quadro em que se tirou todo o 1º e o 2º anos, que foram para outro programa, que é um programa muito específico, porque trabalha com assistentes de alfabetização, para as crianças serem alfabetizadas mesmo, porque elas estão na fase de alfabetização.

(Intervenção fora do microfone.)

A SRA. JACQUELINE QUEIROZ DE MELO - Eu não tenho essa informação aqui, mas eu posso passar para a Comissão, porque temos um mapa geral. Aqui estamos trabalhando só com escolas de 1º e 2º anos. Nesse outro quadro, já se inclui do 3º ao 9º ano. Contudo, posso levantar esse dado para V.Exa.

Essa imagem mostra a distribuição que temos. Esse quadro é extraído de um sistema. É muito interessante que os senhores saibam de onde foi retirado esse dado.

Até 2014, não tínhamos um sistema de monitoramento das atividades que eram desenvolvidas no Mais Educação. O monitoramento que tínhamos era das escolas que vinham até o Ministério e demonstravam as boas práticas ou que, em algum momento, vinham até nós e expunham o que estava sendo realizado.



A partir de 2017, foi criado, em parceria com a Universidade de Juiz de Fora, um sistema de monitoramento. Esse dado que eu trouxe foi exportado de lá. Eu posso pedir a eles que exportem para nós o dado que V.Exa. pediu.

Como eles fazem isso? A adesão ao programa é feita via Programa Dinheiro Direto na Escola — PDDE, uma plataforma do Ministério, via Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação — FNDE. Nessa plataforma, os Secretários fazem a adesão primeiro e autorizam suas escolas a participarem. As escolas vão lá e inserem um plano de atendimento. A partir do momento em que o plano é aprovado pelo MEC, obrigatoriamente elas têm de preencher esse sistema de monitoramento.

Aqui elas têm a frequência de todos os estudantes, as atividades que são desenvolvidas e também as atividades esportivas que são desenvolvidas, porque o mediador e o facilitador têm de lançar a atividade que está sendo desenvolvida e a frequência desse aluno.

Esse dado é importante, porque é um dado real. Quando mostramos o quadro, destacamos que é um dado fidedigno do que está realmente acontecendo. Vamos supor que a escola faça um plano de atendimento para 150 crianças. Na hora de desenvolver o plano, vê que não tem condições de desenvolvê-lo para 150 crianças. Quando a escola se cadastra no sistema de monitoramento, coloca quantas crianças está atendendo. Isso é bem legal, porque realmente se sabe quantas crianças estão participando por Estado.

Nessa imagem, temos os quantitativos para 2018. Ali estão os valores totais.

Esse é o planejamento para 2019. Complemento a sua fala inicial.

Temos previsão de atender 13 mil escolas desse universo de adolescentes que V.Exa. citou, que estão nos anos finais. Destacamos as escolas que estão no Grupo III. O que é esse Grupo III? No momento da adesão, os Secretários visualizavam grupos de escola. O Grupo I, por exemplo, tem o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica — IDEB de 3 pontos a 4 ou 4,2 pontos, como resultados do IDEB. Há o Grupo II e o Grupo III. O Grupo III era o grupo com melhores resultados de IDEB, mas, em compensação, com maioria inscrita no Bolsa-Família e crianças em áreas de vulnerabilidade social. Este grupo vai ser contemplado agora. Há previsão de atendimento dessas 13 mil escolas, mais 800 escolas e matrículas em anos iniciais, que são essas escolas que, conforme eu disse, já são contempladas pelo Mais Alfabetização. Estas também vão ser incluídas. Na verdade,



somando as escolas dos anos iniciais com as dos anos finais, mais de 2 milhões de alunos serão atendidos.

Este é o Orçamento previsto para 2019, para este grupo.

Estes são os nossos contatos. Eu agradeço a oportunidade. O Ministério da Educação, na pessoa da Coordenadora do Ensino Fundamental, coloca-se à disposição dos senhores para fornecer quaisquer dados sobre essas atividades, sobre a nossa reestrutura do programa e sobre as ações que pretendemos desenvolver em 2019.

Agora, para 2019, há a previsão de implementação da BNCC — Base Nacional Comum Curricular. Este é o momento em que Estados e Municípios estão discutindo suas políticas de melhoria de educação, de implementação e de desenvolvimento dos seus currículos, debatendo os currículos e a forma como serão implementados. Portanto, este é o momento de discutirmos o protagonismo desses jovens, sobre os quais tanto discutimos aqui — isto é importante para nós —, jovens que são atendidos por esse programa, principalmente pelo Mais Educação, do 6º ao 9º ano.

Portanto, eu quero me colocar à disposição dos senhores. Este aqui é o nosso contato.

Nós respondemos toda a parte de acompanhamento pedagógico do programa pelo *e-mail novomaiseducacao@mec.gov.br*, mas também há um sistema de monitoramento, aquele que eu posso disponibilizar para os senhores. Trata-se do apoio de TI, na verdade, em que há todos os dados. Se os senhores precisarem, nós os solicitaremos, porque são dados públicos. Eles vão exportando esses dados à medida que nós os solicitamos. Depois, nós poderemos disponibilizá-los para os senhores.

Coloco-me à disposição dos senhores.

Muito obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Washington Coração Valente. PDT - RS) - Obrigado, Profa. Jacqueline, representante do Ministério da Educação.

Quero apenas complementar. Vejo que este programa é muito importante. Contudo, acredito que, dentro de um universo de alunos que temos, poderia atingir mais alunos, poderia haver maior atendimento. Poderia fazer até, talvez, uma propaganda maior, mostrando esta parceria com o próprio Governo e os Municípios, através dos Ministérios. Poderia ser feita uma parceria do Governo com os Municípios, para que se atinjam as escolas municipais e estaduais, a fim de que seja atingido um número ainda maior de



alunos. Enfim, trata-se de um programa que vemos com satisfação, pois é importante. Acredito que, com divulgação, nós poderemos atingir um número maior de alunos. Como a senhora mesma disse, o 1º e o 2º anos não estão recebendo mais este atendimento. Somente são atendidas crianças a partir do 3º ano.

A SRA. JACQUELINE QUEIROZ DE MELO - Sim, para o 1º e o 2º ano, como eu disse, houve um redirecionamento para o Mais Alfabetização, porque o MEC entendeu que o foco tinha que ser outro. As crianças do 1º e do 2º ano participavam do Mais Educação, sim, mas elas precisavam de um direcionamento para a alfabetização.

E já estamos colhendo resultados significativos disso. O programa está chegando à sua avaliação agora. Até o dia 10 de dezembro, as escolas terão um tempo para lançar as avaliações de saída, que é um marco. Há uma avaliação inicial e uma avaliação de saída do programa. Já vimos um retorno muito positivo em relação a isso, alguns avanços bem significativos.

Acrescento só mais uma coisa, que eu me esqueci de falar. Tivemos também o lançamento de um novo programa, o Escola do Adolescente, com foco no protagonismo juvenil. Se for do interesse do jovem participar, ele vai mostrar que tipo de escola ele quer. Haverá uma discussão muito aberta com o próprio jovem, porque o Escola do Adolescente entende que esse jovem que está nos anos finais precisa ter um protagonismo na sua escola.

O nosso Ministro coloca muito claro que, durante algum tempo, as políticas públicas foram focadas nos anos iniciais e no ensino médio, e esse jovem, que é o jovem do ensino fundamental, ficou sem uma política direcionada para ele. O Escola do Adolescente vem com essa proposta de protagonismo juvenil.

O SR. PRESIDENTE (Washington Coração Valente. PDT - RS) - Obrigado, Profa. Jacqueline.

Passo a palavra agora ao Comandante José Ferreira de Barros.

O SR. JOSÉ FERREIRA DE BARROS - Exmos. Srs. Deputados Vicente Candido e Washington Coração Valente, senhoras e senhores, é uma honra muito grande falarmos do nosso Programa Forças no Esporte, que tem uma semelhança muito grande com o Mais Educação.

Eu queria agradecer aos Srs. Lindberg e Wilson, do Instituto para o Desenvolvimento da Criança e do Adolescente pela Cultura e Esporte — IDECACE, e à Sra. Jacqueline.



Lembro que pude acompanhar Jaqueline Moll e Leandro Fialho no Mais Educação, em outra época.

(Segue-se exibição de imagens.)

Rapidamente, pois tudo já foi falado, assinalo que o nosso Forças no Esporte também é um programa de contraturno escolar. É bem semelhante. Criamos também, agora, o Projeto Sargento João do Pulo, voltado para as crianças com deficiência. Estamos acolhendo essa criançada. Estamos com aproximadamente 800 crianças com deficiência. É um programa muito interessante, vamos dizer assim, e estamos agora procurando abraçar a criança com deficiência, pois a procura é muito grande. É um programa do Ministério da Defesa.

Eu não vou me ater a muita coisa, porque vou passar um filme depois e porque quase tudo a Prof. Jacqueline já abordou em relação ao nosso programa.

A Comissão Desportiva Militar do Brasil trata do alto rendimento. Também há outros programas e projetos. O Departamento de Desporto Militar faz parte do Ministério da Defesa.

O nosso lema é *Amizade Através do Esporte*. Na Divisão de Programas e Projetos é onde se encontra o Programa Forças no Esporte, que é oriundo do Segundo Tempo. Eu não posso deixar aqui, de forma alguma, de abordar o Programa Segundo Tempo. Desde 2003 ele cresceu e, por uma questão de justiça, de dentro da minha alma, eu gostaria de dizer que o Programa Segundo Tempo, que chamamos de Forças no Esporte, ajudou muito o nosso País. Então eu gostaria de deixar aqui a nossa gratidão.

Nossos principais objetivos são: promover a valorização pessoal; fortalecer a integração social e a cidadania; reduzir os riscos sociais, por meio de práticas e ações, tais como atividades físicas, atividades socialmente inclusivas e segurança alimentar.

Eu queria agradecer ao MDS — Ministério do Desenvolvimento Social, que nos oferece a alimentação. Por incrível que pareça, desde 2003, a alimentação nunca faltou para nossas crianças, a ponto de, neste ano difícil, devolvermos um pouco de dinheiro por falta, digamos assim, de competência da nossa parte. Por quê? Há um programa chamado PAA — Programa de Aquisição de Alimentos da agricultura familiar, que também é inclusão. Eu abracei essa causa, e, ao abraçá-la, nós tivemos uma dificuldade de gestão na aquisição desses alimentos, por isso estamos devolvendo um dinheirinho, mas creio que nós avançamos nessa inclusão do homem do campo.



O público do programa vai dos 6 aos 18 anos. A nossa ideia é que esse jovem seja encaminhado à universidade. Quem quiser seguir a carreira militar pode seguir. Não incentivamos, mas cada um tem o seu sentimento.

Temos o reforço escolar. Depois eu quero conversar com a nossa professora, porque me interessou muito o reforço escolar em português e matemática, que é uma carência da nossa meninada, infelizmente, da nossa escola, pois podia não haver isso. Trabalhamos também com a preservação do meio ambiente, e há o Navegar, que é um programa bacana. O pessoal sabe que o nosso País tem 800 embarcações guardadas desde as Olimpíadas, coisa bacana, que o Ministério do Esporte — é uma pena ele não estar aqui presente, como o Deputado Washington falou — nos doou, e nós estamos atuando com elas. Em todo o Brasil, inclusive aqui em Brasília, já está havendo aula. Até em Fernando de Noronha estamos lá com a meninada.

A abrangência do projeto é nacional. Já estamos em 96 Municípios, com 26 mil crianças. No Rio de Janeiro, temos 5 mil crianças na GLO, e estamos em São Gabriel da Cachoeira com três etnias. É bem legal isso.

Senhoras e senhores, a nossa pátria indígena é a coisa mais linda que existe. O índiozinho que está lá na ponta precisa ser abraçado, senão ele vai para outro canto, para outro caminho, ao qual não vou me ater. Mas abraçá-lo é aumentar a nossa soberania nacional. É muito interessante isso.

Com relação à ampliação, este ano vamos chegar a 30 mil crianças, e eu não poderia deixar de dizer que as emendas parlamentares aqui foram muito importantes para nós, muito nos ajudaram.

Viu, Lindberg? O senhor tem nos ajudado muito!

O Ministério da Defesa agradece de coração, Deputado Vicente Candido. São Paulo tem nos ajudado muito. Nós tínhamos um projeto para mil crianças, mas havia uma dificuldade para comprar alimentos. Uma emenda parlamentar foi apresentada, e isso foi resolvido. A criançada hoje estava lá brincando na festa de encerramento.

Nós temos parcerias com o Ministério do Esporte, com o Ministério do Desenvolvimento Social, com a Secretaria Nacional de Juventude. E a parceria foi ampliada agora com o Ministério da Educação. Talvez dia 6, quarta-feira, assinemos um decreto que envolve o Ministério da Educação, o Ministério do Esporte, o MDS e a Secretaria Nacional de Juventude. Nós vivemos muito com o pires na mão, mas eu creio que vai ser um avanço



muito importante, Deputado. O senhor tem nos ajudado, o Lindberg também. Muito obrigado, de coração. Esse decreto será muito importante para nós.

No nosso Ministério da Segurança Pública, nós percebemos que eles estão envolvidos, e também o nosso tiro de guerra.

Vamos ver um pouquinho do tiro de guerra.

Nossas cidades do Brasil têm muitos tiros de guerra que são do Prefeito. Os tiros de guerras são dos nossos Prefeitos. Então, vamos começar um em Mossoró. O Joacy Bastos, que foi Secretário de Estado, está ali sentado. A nossa Prefeita de Mossoró, Rosalba, acolheu e vai fazer o piloto, o primeiro piloto de tiro de guerra. E Piracicaba também. Nós temos 258 tiros de guerra. Dá para acolher de 100 a 150 crianças em cada um desses locais. Vai aumentar, e muito. Queremos chegar a umas 100 mil crianças, dependendo do apoio que tivermos.

Temos também o serviço militar obrigatório do Exército. O que acontece com um garoto do Varjão? No nosso projeto, vamos dizer: *"Este menino aqui é do PROFESP. Dá uma chance para ele"*. Então esse garoto será indicado para ter uma oportunidade de seguir, se ele quiser, no alistamento militar.

Associação Atlética do Banco do Brasil. Quem não a conhece? Quem não conhece uma coisa chamada Fundação Banco do Brasil? Eles fazem um trabalho de inclusão social que é a coisa mais linda! Há reforço escolar, material esportivo. Eles fazem um contato com o Prefeito, o Prefeito dá o transporte e os professores. Quando nós soubemos dessa ação maravilhosa na fundação, fomos ao encontro deles. Estamos assinando um acordo de cooperação com eles que será muito importante para o enriquecimento das crianças, porque, senhores, estamos aqui, de coração, há 15 anos lutando por essa causa. Se nós não dermos encaminhamento... É para uma profissão para a garotada. Eles são muito desprotegidos.

Vou dar o exemplo do Centro de Integração Empresa-Escola — CIEE. Nós fizemos agora um acordo de cooperação com eles. O primeiro garoto que foi acolhido por uma empresa, fizeram uma festa. A família e a comunidade fizeram uma festa, porque foi uma vitória muito grande. Ele iria levar mais um dinheirinho para casa. Isso é a verdadeira inclusão social.

Então eu peço aqui: vamos ter muito cuidado com os nossos projetos sociais. Os jovens devem ser encaminhados, sim, para uma profissão. Eu digo, para uma besteirinha



lá, um menor aprendiz. Nós tínhamos dois no Ministério da Defesa. Tem que haver alegria. Uma outra já está na faculdade, ela ganhou um dinheirinho para comprar um livro, tinha dificuldade.

Então, encaminhar nossos projetos sociais é um pedido meu como cidadão, como brasileiro. Nossos projetos sociais têm que ter encaminhamento das métricas deles, o que é, onde está e para onde vai, para acompanharmos. É muito importante.

Hoje já dá para evoluir nisso, viu, Deputado? Hoje já dá para evoluir nisso. No nosso País, como a nossa professora aqui já apresentou a parte de TI, já dá para acompanharmos. E esta Casa pode muito bem acompanhar, porque são nossos recursos que estão lá. Nós temos que dar um encaminhamento para a meninada. Nosso projeto tem que evoluir. "É esporte?" "É." "Tem um reforço escolar?" "Tem." "Opa!" E aí? Um camarada com 14 anos, vamos dar um encaminhamento para ele, porque é difícil, lá do Varjão, do Paranoá, de Itapoã, São Sebastião, da zona rural. É só dar um pulinho ali para ver que a coisa é desigual. Já avançou muito, na minha avaliação, nos últimos anos. Avançou, e eu creio que vai avançar muito mais.

Continuando, bem rapidamente, nós temos o Projeto Soldado Cidadão e o Programa Progredir.

Nesse Projeto Soldado Cidadão, quando o garoto chega lá, com 17 anos, sabemos que o pessoal das Forças Armadas dá um cursinho de motorista, de hotelaria, de cozinheiro para ele. Então, se ele não continuar na vida militar, as empresas já o pegam formado. É um cidadão que vai produzir. O que foi que percebemos nisso? Vamos colocar os garotos quando completam 18 anos. Vamos colocá-los lá também!

O General Smicelato é um aficcionado. Chegou lá agora, e ele quer que a criança tenha um encaminhamento. Ele está dando um trabalho danado para nós. O bichinho é proativo que não acaba mais! Há muita gente desesperada. Eu estou achando é bom! Saio 10 horas da noite, mas eu quero ter o prazer de ver um menininho daqueles ganhando o dinheirinho dele, trabalhando e estudando para apoiar e se sentir útil.

Eu vou dar um testemunho. Uma menina nossa tem Síndrome de Down. Ela foi trabalhar como assistente social e, quando recebeu o primeiro salário, falou: "*Barros, agora eu sou incluída socialmente. Eu tenho a minha grana. Ninguém mexe comigo. Eu vou ficar noiva e vou casar*". Foi a coisa mais linda, a Paulinha.

O Cursos Prepara é um voluntário que também dá cursos.



A Arquidiocese do Rio de Janeiro faz um trabalho lindo. É só pedir apoio. Eles têm assistência social, pedagogia e um reforço muito bom. É um trabalho muito bonito que fazem conosco. Levam a assistência social até a casa do garoto. Para o trabalho da Arquidiocese eu tiro o chapéu. Eu não o conhecia. Eu quero que a nossa cabeça fique bem laica, mas o trabalho deles pelos Estados é muito bonito nesse sentido.

O Sistema S todos conhecem, e nós estamos com o SENAI.

A Pestalozzi e a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais — APAE acolhem as nossas crianças carentes, pessoas com deficiência. É a coisa mais linda o trabalho deles. Choramos ao chegar, mas nos alegamos ao sair, porque vemos pessoas com deficiência muito felizes, alegres. Nós estamos abraçando também essa causa, essa luta, que é muito interessante.

O material esportivo vem do Ministério do Esporte; a alimentação e o pagamento de professores também. A parte da informática é colocada pelo Ministério das Comunicações. Quando entregarem computadores velhos, nós os levamos lá na informática para a molecada brincar. Eles brincam e vão até ao Excel 2 já. É uma velocidade de aprendizagem danada. Eles aprendem rápido. Quando você dá uma oportunidade para um cabra que não a tem... Uma menina que empurrava carroça com o pai, ali no Itapoã, agora é campeã sul-americana estudantil, com 15 anos. Estive com ela hoje. Um cara com dislexia foi o terceiro... É dar oportunidade para essa nossa meninada, é o Mais Educação. O meu amigo deve apresentar um trabalho muito bonito que ele tem também nessa área.

É claro que aparece o pessoal do alto rendimento. Aquele menino ali é do Varjão. O irmão dele está preso na Papuda, e ele hoje já é do Exército, vai ser Sargento. O Joseias foi campeão sul-americano recentemente lá no Uruguai. O outro foi campeão de levantamento de peso. Há muita gente do time olímpico.

Senhores, aparecem muitos talentos! O nosso País tem talentos, cientistas e pessoal esportivo. Nós temos um garoto de uma sabedoria em matemática e física... Ele chega assim, deste tamanho, na frente das nossas gerenciais, que temos com todos os comandantes e professores: *"Bom dia, senhores! Vocês estão muito fracos. Bom dia, senhores! Eu sou um cara superdotado, mas eu ajudo a criançada lá no Varjão — ele é do Varjão — e eu estou neste projeto. Quero agradecer a todos. Foi uma oportunidade que tive..."* É interessante. Nós temos, no nosso País, um povo que ninguém segura. Eu creio no meu povo. Eu creio no povo brasileiro. Essa é a praça que o Brasil está dando nessa



criançada, na desigualdade. Nós vamos ser grandes demais, melhores do que a Noruega, daqui a uns dias.

Ali está o nosso pessoal do alto rendimento, e nós também ensinamos uma profissão a eles. O Centro de Integração Empresa-Escola nos ajuda, assim como o Sistema S, a AABB, os nossos tiros de guerra. Eu estou sendo rápido, porque isso o pessoal já conhece.

O Projeto Sargento João do Pulo acolhe a criançada com deficiência. Nós vamos abraçá-las mesmo. As Forças Armadas têm a sua infraestrutura. A Nação brasileira entendeu isso, e nós estamos abertos... Mas a nossa infraestrutura é meio fraca, ruim. As quadras estão cheias de buracos e são descobertas. Os banheiros não são adequados. Passamos por um processo ainda muito... Mas as nossas emendas parlamentares, Deputados, têm nos ajudado muito na melhoria das instalações, no reforço alimentar, quando o MDS está em dificuldade. Então nós vamos abraçar essa garotada com deficiência, as pessoas com deficiência. Eu creio que, com o apoio do MEC, que está entrando agora, nós vamos fazer um trabalho muito bonito. Nós temos 800 crianças, mas queremos que sejam 10 mil, 20 mil crianças para abraçarmos e colocarmos naquela infraestrutura.

Profa. Jacqueline, é interessante que as escolas também procurem as nossas organizações. A maioria delas não tem o nosso projeto. Se desejar, acho salutar, nós vamos agora fazer uma parceria para abrir esse espaço. Não há no nosso programa... *Mas e a educação, e a nossa escola, vamos lá, há uma piscina, uma instalação fraca, mas dá para usarmos as nossas instalações.* Até as igrejas poderiam abrir para isso. Há igrejas que ficam o dia todo vazias e aí dão uma aula de Deus para eles. *"Menino, Deus manda ser assim, obedecer o pai e a mãe..."* É aquela coisa toda, que é importante para a meninada que está perdendo esse foco. Mamãe puxava lá a minha orelha, eu ficava de castigo. Hoje não pode mais... Dizer que Deus é amigo e verdadeiro está faltando para os nossos projetos sociais. As igrejas podem fazer esse papel. O Reverendo Aluizio foi lá e disse que abre as igrejas, sim, para os seus pastores darem aulas como voluntários. Eu creio que é um caminho. Eu estou preocupado porque acho que o fim dos tempos não está muito longe. Então nós temos que correr bem rápido para atender essa meninada.

Nós já estamos distribuídos por esse caminho todo das Forças Armadas. Já estamos no Rio de Janeiro e em Brasília com o Projeto Sargento João do Pulo, que é para pessoas com deficiência. Nas parcerias ampliadas, há o Comitê Paralímpico, a Secretaria Nacional



de Juventude, e por aí vai. Avançamos bem nisso para dar apoio à nossa meninada. Quando nós dissemos que havia meninos com deficiência, senhores e senhoras, aí foi que veio gente querendo apoiar. Nós criamos a plataforma do voluntário. E como há gente nessa plataforma!

Prof. Joacy, o senhor já é voluntário, não é? É voluntário, já foi Secretário de Estado de vários Estados, sabe e tem nos apoiado. Quando nós falamos da pessoa com deficiência, aparecem tantos amigos: Ministério da Educação, Ministério da Saúde, Ministério da Segurança Pública. É uma coisa linda!

Boas práticas. Isso é importante. Por exemplo, o Exército tem uma parte de cavalaria muito boa. A criançada que tem Síndrome de Down vai para lá e tem um avanço muito grande. Muitas crianças são bem adaptadas a esse meio e começam uma vida um pouco mais sustentável, vamos dizer assim.

Limitações. Todo programa tem as suas. A contratação de professores é um exemplo. Eu vou sair à cata da Profa. Jacqueline para fazermos uma parceria com o Mais Educação. Eu creio que vai ser bacana. A aquisição de alimentos pela agricultura familiar eu vou perseguir até mais, porque eu fui da roça. Se eu fecho com um atravessador, eles ganham menos. Então, quando compramos da agricultura familiar, damos uma saída bacana para o homem do campo, porque ele vai até a sua cooperativa.

Senhores, não se enganem! São uma coisa linda as cooperativas do nosso País. É de assustar. Até para empacotar o café é a vácuo. *Ah, é agricultura familiar...* Olhem, nosso País evoluiu — e muito — nisso. Linda e maravilhosa. Os agricultores vão até aquela cooperativa e entregam seus produtos. É muito legal.

Eu lutei por isso. Foi uma batalha danada, mas eu luto pela... Eu não acredito que a desigualdade no meu País vá durar tanto. Eu não quero isso, porque a desigualdade leva à violência. É diretamente proporcional. Sabemos muito bem. Quando eu ouvi dizer que Natal é o território mais violento do mundo, em uma palestra lá na Presidência, pelo nosso Ministro Jungmann, eu quase saí da sala correndo. Misericórdia, meu Deus! O que é isso? Natal? Onde o pessoal dormia com a porta aberta? Então, a violência está danada, e eu tenho certeza, como a professora e o Deputado disseram, de que é com o esporte, é abraçando e acolhendo essa criançada no esporte que vamos vencer. A desigualdade leva à violência — e eu também vejo isso diretamente proporcional. Eu concordo, Deputado.



Vejam que beleza! Aqui são autoridades que passaram por lá na hora das visitas, como o Ministro Jungmann e o nosso Presidente. Hoje mesmo estiveram presentes 2 mil crianças no encerramento. E elas ficaram aqui do nosso lado, com cânticos maravilhosos. Inclusive uma mãe, que tem dois filhos com deficiência, estava agradecendo por poder trabalhar, porque acolhemos a criança. Uma pessoa que tem dificuldade financeira, quando o seu filho está na escola, fica feliz da vida. Carinho com disciplina é do que eles precisam. Eu boto a mão neles e eles pedem mais carinho. Eles falam: *"Aquele homem lá está abraçando o outro e nunca me abraçou"*. Eu fiquei ouvindo isso e quando voltei para casa, fui embora chorando. Não posso abraçar mil, mas eu posso abraçá-los com o coração.

Agora eu vou passar um filmezinho bem rapidinho. Eu peço desculpas porque corri com a apresentação. Sabem por quê? Porque aqui só há o notório saber. Eu fico aqui repetindo muita coisa e os senhores podem pensar: *"Esse menino, já de cabelos brancos, parece que está caducando"*. Mas já que eu sei que aqui há só o notório saber, sei que os senhores já acompanharam rapidamente a minha fala. O meu objetivo é dizer que o Programa Forças no Esporte é para acolher a criançada de 6 aos 18 anos, no contraturno escolar.

Este filmezinho aí é a realidade do nosso País. Desculpem-nos porque o filme está em inglês, nós o apresentamos mnemônico. São 600 projetos, e este ficou em segundo lugar. Mas acho que dá para entender.

(Exibição de vídeo.)

O SR. JOSÉ FERREIRA DE BARROS - Esta menina é cubana que veio para o Brasil e nós a acolhemos.

Um dos nossos pontos fortes é a alimentação da criança. Há professores, refeitórios, tudo prontinho lá, e também aprendizagem. Há todo um cuidado, com a presença sempre de um representante do ECA.

Este é um juiz da Vara da Infância e da Juventude.

Estes são os nossos indiozinhos, os nossos colegas.

(Exibição de vídeo.)

O SR. JOSÉ FERREIRA DE BARROS - Eu queria agradecer, Deputado, pela presença. Quero agradecer ao Deputado Washington também. Eu sei que eu fui rápido na apresentação, mas é porque eu sei que os notórios saberes absorvem rápido, e com felicidade. Então, muito obrigado pela oportunidade.



Senhores, é um pedido meu — e tenho certeza que é de alma: vamos trabalhar, o mais rápido possível, para a redução da nossa desigualdade social. A ciência e a tecnologia andam — o nosso País é maravilhoso nesse sentido —, mas a redução da nossa desigualdade, não. Eu creio que a nossa escola tem que abraçar isso, com o Mais Educação. Eu fico feliz de a senhora falar do Mais Educação. E eu creio que daqui, nesta tarde, sairá um acordo. O nosso País está devagarzinho, mas podemos acelerá-lo no sentido da desigualdade. É duro! É duro porque a nossa meninada chega ali com anemia por causa da fome. E eles estão ali do nosso lado. Então, temos que oferecer um cuidado melhor, um controle melhor, uma métrica melhor, um encaminhamento melhor.

Deputado, muito obrigado pela oportunidade. O Ministério da Defesa vai gerar, com o General Smicelato e o Ministro Silva e Luna, pessoa de quem eu gosto muito, oportunidades.

Preocupe-me em vir a esta Casa. Falei: *"Meu Deus, isto aqui é para autoridade! Eu sou só o coordenadorzinho de um programa!"* Mas eu quero agradecer de coração por estar aqui nesta Casa. Estou pronto para atendê-los. Deixamos, num caderno que está por aí, o nosso endereço. Nós estamos prontos para atender todos os que nos procurarem em qualquer OM neste País. E vamos atender da melhor maneira possível.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Washington Coração Valente. PDT - RS) - Obrigado, Comandante José Ferreira, pelas suas palavras, pela sua apresentação. Com certeza, o senhor tocou numa parte muito importante para nós, que é o paradesporto.

Eu acho que a força no esporte está sendo muito útil e importante para o paradesporto também, porque a inclusão social hoje é muito significativa e necessária. O paradesporto também merece qualquer tipo de investimento, assim como as modalidades esportivas já recebem. E o paradesporto tem que estar incluído nessas práticas, dentro dessas modalidades, para buscar os seus recursos próprios.

Parabéns por toda a sua apresentação, por todo esse projeto! Com certeza, ajudamos muito essa formação do cidadão.

Muito obrigado.

Eu gostaria de passar a palavra agora ao Sr. Wilson Alves Cardoso, Presidente do Instituto para o Desenvolvimento da Criança e do Adolescente pela Cultura, Esporte e Educação — IDECACE.



O SR. WILSON ALVES CARDOSO - Boa tarde a todos. É um prazer e uma honra estar aqui com os senhores hoje. Obrigado, Deputado Vicente Candido, pelo convite.

(Segue-se exibição de imagens.)

Eu queria falar com os senhores hoje sobre uma coisa totalmente diferente, as parcerias com o Governo. O IDECACE é uma entidade que tem 18 anos de vida. Nesse período todo, nós já atendemos cerca de 250 mil crianças no Brasil. Acho que nós fomos responsáveis, sim, por um projeto importante de pós-escola, que foi o Segundo Tempo, no qual chegamos a atender cerca de 120 mil crianças em Guarulhos e em outros lugares do Brasil. Para nós, foi um aprendizado muito grande essa questão do pós-escola.

É importante frisar que o IDECACE foi estruturado por mim, em 2018, porque eu pensava em desenvolver um projeto. Como o senhor falou, Deputado, o esporte pode ajudar muitas vidas. Sou um ex-garoto de rua que foi muito bem-sucedido. Com 26 anos, eu optei por montar o instituto e acho que hoje posso ter muito orgulho do trabalho que nós estamos fazendo. Nós viemos na contramão de tudo o que o Governo estava estabelecendo.

Hoje, eu vou mostrar um projeto para os senhores. Esse projeto atende 250 mil crianças com o objetivo de mudar um cenário nacional. E, muitas vezes, nós não contamos com o Governo.

Atualmente, eu tenho algumas parcerias com o GDF, com o Rio de Janeiro e São Paulo, mas nunca tive, por exemplo, uma parceria efetiva com o Ministério do Esporte ou com outras instituições como o Ministério da Defesa, num projeto tão importante como o Segundo Tempo, do Ministério da Defesa, com força no esporte.

O IDECACE hoje tem a gestão de centros olímpicos. Ele tem atendimento social pós-escola. Precisávamos muito também entender a BNCC e entramos com uma proposta na Secretaria de Educação, com um termo de colaboração. Hoje nós atendemos aqui no Distrito Federal, através das escolas, 54 mil crianças.

O nosso principal caminho foi o sistema de detecção de talentos. Nós entendemos que toda criança tem um talento, ela só precisa ser trabalhada para isso. Temos as oficinas de iniciação esportiva e de desenvolvimento profissional.

Hoje nós temos 356 funcionários; 28 centros esportivos; 12 doutores voluntários; 11 cursos de formação; 3 consultores internacionais; 640 estagiários; 225 mil crianças atendidas; 8 atletas olímpicos; 30 artistas; 26 centros esportivos; 4 escritórios



representativos; 1 convênio com a Universidade de Moscou; 5 oficinas profissionalizantes; e 9 notáveis.

Eu fiz questão de colocar estes números porque, quando lançamos o instituto, foi muito difícil porque entendíamos que o nosso maior parceiro era o Governo. E precisamos fazer um formato diferente de captação de recursos para desenvolver o projeto.

Hoje temos algumas parcerias, e uma delas é com o Rio de Janeiro. Nós trabalhamos na candidatura do Rio de Janeiro às Olimpíadas de 2016.

Eu falei lá atrás do pós-escola. Uma coisa que me preocupava muito era: depois de 1 ano de trabalho com uma criança, qual é o resultado que eu tenho com ela? Definitivamente, o que eu mudei na vida desta criança? Eu não tinha essa métrica. Então, procuramos desenvolver as parcerias diferenciadas dentro dos centros esportivos e das escolas.

Hoje temos o projeto DNA do Brasil. Como eu disse aos senhores: formação de especialistas; atletas e metodologias próprias; captação de recursos; ferramenta de gestão integrada; aplicativos; campanha de mídia; núcleo de formação de base; planejamento participativo; grupo de trabalho.

Há alguns trabalhos que disponibilizamos hoje, muitas vezes com termos de cooperação, para alguns Estados e Municípios. Usamos como base a BNCC, justamente para levar para dentro das escolas algumas métricas sobre condições das crianças com relação à saúde, à vocação profissional, à vocação para o esporte, para fazer ferramentas para desenvolvimento social.

Fazemos a captação de crianças de 6 anos a 23 anos, com envolvimento com as famílias, com a gestão.

Aqui estão nossas metas para 2024.

Hoje nós entendemos que precisamos, para mudar o processo do pós-escola, formar professores.

Então, hoje já temos 1.700 professores de Educação Física formados para fazer detecção de talentos. O nosso objetivo até 2024 é formar 90 mil professores. Como nós fazemos isso? Nós temos um curso de pós-graduação — e, nesse curso, temos como meta trabalhar 30 mil profissionais de Educação Física — e cursos profissionalizantes com 40 horas semanais.

Vamos ver esse vídeo.



(Exibição de vídeo.)

O SR. WILSON ALVES CARDOSO - Essa é uma matéria que saiu recentemente sobre o convênio que fizemos com a Secretaria de Educação do Distrito Federal, que mostra, na verdade, o formato que vai ser implementado dentro das escolas. É um trabalho anual dentro das escolas na questão de formação do professor mesmo. Temos um acompanhamento muito próximo aos professores porque disponibilizamos para eles as plataformas e vamos para dentro das escolas fazer o processo de detecção de talentos.

Nós entendemos que o programa precisava falar com vários agentes. Aí estão os agentes, desde Governos municipais, comunidades, Ministérios, escolas, federações esportivas, grandes empresas, universidades, eventos esportivos. Hoje o programa DNA do Brasil já faz isso. O programa tem detecção de talentos, metodologia de treinamento de iniciação desportiva, sistema para gestão de espaços olímpicos, programas de atletas olímpicos e oficinas profissionalizantes, o Prêmio DNA do Brasil e Campanha Troco Solidário, que é uma captação de recurso.

Criamos o Prêmio DNA do Brasil muito em virtude de poder premiar os melhores do ano em detecção de talentos. O nosso protocolo de detecção de talentos são 90 testes, identificação de talentos para alto rendimento, acompanhamento específico de carga de treinamento. A nossa metodologia de detecção de talentos está baseada em cinco frentes: biológica, psicológica, social, vocacional e motora.

Entendíamos que, para uma criança ser detectada, precisávamos entender tudo isso e fugir do processo normal, que é o processo de peneira.

Aqui estão algumas matérias que surgiram lá atrás, em 2013, que não são relevantes.

A nossa metodologia de treinamento é feita por Antônio Carlos Gomes. Ele ficou 15 anos na antiga União Soviética, ainda fechada, e trabalhou com a equipe russa para desenvolvimento dessa metodologia que está sendo usada hoje dentro do nosso projeto.

Temos alguns atletas parceiros de algumas áreas em que estamos usando a metodologia como padrinhos.

Estou passando rápido porque é uma apresentação extensa.

Nesse sistema de gestão, hoje eu consigo ter exatamente a condição da criança na questão de detecção de talento. Então, consigo fazer uma análise e dizer que essa criança tem uma condição "x" de saúde, tem a vocação profissional para fazer determinado tipo de ação e pode fazer determinado tipo de ação esportiva.



Hoje, temos como meta que os 90 mil professores especialistas em detecção de talentos atendam 24 milhões de pessoas no próximo período. Como nós vamos fazer isso? Formando especialistas em detectar talentos.

Como fazer diferente? Nós desenvolvemos um aplicativo, que é o nosso sistema de gestão. Na verdade, tudo isso conseguimos colocar dentro do aplicativo. Ele é um instrumento para os professores, alunos, familiares, cadeia produtiva do esporte e social. Aí eu faço o encaminhamento.

Eu falava para os senhores do processo de detecção de talentos. Eu consigo dizer hoje exatamente a condição da criança por índices, que são esses índices que estão indicados aí, a questão de massa, e consigo fazer um trabalho específico para a criança: *"Olha, ela tem envergadura para fazer atletismo, só que ela tem rigidez muscular. O que podemos fazer para desenvolver esse trabalho?"*

O professor, na verdade, hoje, tem o aplicativo na mão e tem as cinco áreas que colocamos para os senhores. Dessas cinco áreas, ele faz o trabalho com o aluno. Quem vai buscar o professor normalmente é o pai do aluno. Como é feito isso? Um georreferenciador busca o aluno mais próximo capacitado para fazer o processo de detecção de talentos.

Aqui temos onde o professor sabe todas as informações, com as avaliações que colocamos de qualidade de vida, antropométrica, físico-motora e vocacional, e os índices de desenvolvimento dessa criança, a parte física, a parte psicológica, a relação social e o ambiente em que ela está inserida.

A questão do ambiente em que ela está inserida é extremamente importante no processo de detecção de talentos, porque conseguimos definir o ambiente propício naquela situação. O sistema determina que ela é boa para determinado tipo de atividade esportiva, mas que, no entanto, ela não tem o ambiente propício. Então, qual é o outro ambiente que ela precisa ter? Qual é o outro esporte ou atividade que ela pode fazer?

Na verdade, o BI do processo dá o relatório da condição da criança, com uma área para o professor fazer um adicional de informação. Aí nós dizemos qual a condição de saúde da criança, quais os esportes para os quais ela está apta e qual a vocação profissional dela dentro do processo.

A solução para os treinadores é uma coisa mais simples, é o aplicativo em que estão todas as informações do professor. Dentro do aplicativo, o que vai acontecer? Depois que



fez a primeira análise, trabalhou o aluno, desenvolveu o aluno, ele entra com mais informações para o desenvolvimento do aluno. Então, ele trabalha a rigidez, a questão da obesidade, que é um problema muito sério que temos. Por exemplo, como eu posso trabalhar a obesidade na criança, para ela poder entrar no processo? Dá dicas de alimentação, como fazer e por qual período. Isso tudo com o acompanhamento do professor. E ele vai atualizando isso a cada 2 meses.

O que acontece dentro desse processo? Quando percebemos que um atleta é excelente, o que fazemos? Hoje nós criamos o seguinte processo: se ele é excelente, então eu o mando para a cadeia produtiva do esporte. O que é a cadeia produtiva? São as federações, as confederações, os clubes. Eu tiro o processo da intermediação, a questão da peneira. Não existe mais esse processo. Hoje todo o nosso processo está dentro de um BI.

O BI é uma tecnologia que desenvolvemos, toda baseada em uma das literaturas. Então, todos aqueles ambientes de que falamos no passado — as questões físicas, motora, psicológica, vocacional, ambiental — têm um padrão estabelecido nas literaturas. E disso eu tenho números. Nós convertemos isso em números. Com esses números eu consigo ter a relação da indicação da criança lá atrás, como falei anteriormente.

Esse é o BI que eu mostrei para vocês.

Desculpem-me pela apresentação um pouco longa.

Só para vocês terem uma ideia, nós temos aplicado a metodologia nos centros olímpicos do Distrito Federal há pelo menos 6 anos já. Nós eliminamos o processo de peneira. Temos núcleos de iniciação esportiva, em que há formação de base. As nossas modalidades hoje são campeãs brasileiras em todas as competições em que elas entram. Por quê? Porque começamos a desenvolver o aluno de uma maneira bem diferenciada. Nós dizemos a ele: *"Olha, você está com essa dificuldade. Vamos trabalhar pontualmente nela"*.

Esse é um curso de pós-graduação com alguns doutores. Não vem ao caso.

Com relação ao Prêmio DNA do Brasil, nós estamos na terceira edição do prêmio. Ele é importante porque com ele começamos a fomentar o esporte e a premiar os melhores em detecção de talentos, sejam professores, sejam alunos, entre outros.

Esse é o vídeo da campanha social. Trinta artistas estão desenvolvendo um trabalho para o projeto, porque sabem da importância do projeto para o Brasil.



(Exibição de vídeo.)

O SR. PRESIDENTE (Washington Coração Valente. PDT - RS) - Você pode dar uma acelerada na apresentação, Wilson? Faltam alguns minutinhos...

O SR. WILSON ALVES CARDOSO - Está bem. Desculpem-me o nervosismo. A apresentação não foi feita por mim.

Vou voltar muito rapidamente, Deputado, se o senhor me permite.

Nós resolvemos com esse aplicativo um problema muito sério com relação ao desenvolvimento do projeto. Hoje o profissional de educação física é especialista em detectar talentos. Especialista em detectar talentos significa o quê? Deputado, antes ele podia ser um *personal trainer*, agora ele é um especialista e pode ganhar por isso. Hoje, através do sistema, ele pode cobrar 70 reais por uma detecção de talento, quando não for governamental. Ele passa a ser remunerado por isso. Conseqüentemente, nós vamos trabalhar em escala. É essa a ideia. Quando falamos de volume, isso representa 24 mil crianças atendidas.

Senhores, desculpem-me a apresentação corrida. No *site* estão todas as informações. E nós estamos à disposição para esclarecer a vocês o que for necessário.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Washington Coração Valente. PDT - RS) - Obrigado, Wilson. Com certeza, a sua apresentação é muito importante, sim. Acrescentou muito para nós, atendeu a nossa expectativa. Você já falou que atendeu mais de 200 mil crianças. É um número considerável, sim, que pode atingir até aquele número que nós queremos no final. Com certeza, isso nos ajudará bastante.

Gostaria de ceder a palavra ao Deputado Vicente Candido.

Faça uso da palavra, por favor, Deputado.

O SR. VICENTE CANDIDO (PT - SP) - O.k. Obrigado, Deputado Washington Coração Valente, Presidente desta sessão.

Cumprimento a todos os palestrantes, a Jacqueline, o Comandante José Ferreira, o Wilson.

Antes da minha fala, queria fazer uma pergunta para você. Qual é a fonte dos recursos, do fomento do projeto da entidade?



O SR. WILSON ALVES CARDOSO - Nesse grupo de notáveis, nós temos hoje o Bruno Setúbal, um dos responsáveis, um dos que ajudaram a desenvolver esse aplicativo. Estamos falando de um aplicativo de quase 2 milhões de reais.

E temos parcerias governamentais. O nosso principal parceiro é governamental, é o Governo do Distrito Federal. Nós movimentamos, com o GDF, mais ou menos 30 milhões por ano.

O SR. VICENTE CANDIDO (PT - SP) - Então, é convênio com o GDF.

O SR. WILSON ALVES CARDOSO - Com o GDF.

E este ano estamos trabalhando com emendas parlamentares também, para esse programa dentro das escolas fazemos no GDF.

O SR. VICENTE CANDIDO (PT - SP) - Está o.k.

Parabenizo o Deputado Washington pela iniciativa. Fiquei sabendo, pelo Lindberg, que V.Exa. não concorreu às eleições, como eu. É uma pena. Acho que o Congresso Nacional, ano que vem, vai sentir a sua falta. Esse curto período de tempo aqui já foi suficiente para V.Exa. mostrar que é um bom goleador, que passou por aqui e deixou a sua marca, fez o seu gol.

Parabenizo pela iniciativa os voluntários abnegados, como o Wilson e o Comandante José Ferreira. Acho que a nota é 10 para todo mundo. Quem não está merecendo uma nota maior são os próprios governos. Se é preciso que uma ONG cumpra o papel que os governos deveriam cumprir, algo está errado no nosso sistema educacional e esportivo sobretudo.

Parabenizo a Jacqueline pela maneira sonhadora de colocar o programa. Ainda assim, é um programa muito tímido, diante do que o Brasil precisa, diante do que necessitaríamos fazer na educação, no desporto.

Ao longo da história, nós vemos muito mais puxadinhos sendo feitos, um remendo aqui, um remendo ali, como se estivessem sendo feitas políticas públicas. Para um processo educacional decente, a palavra "contraturno" não deveria existir. Isso já é algo esquisito. Há um processo educacional, e dentro da escola se aprende tudo. Não é isso? Já fazendo o contraponto com o Escola sem Partido, a própria Jacqueline disse que, se for aprovada a proposta do Escola sem Partido, vai ter que ser abolida a palavra "política", porque é uma das palavras proibidas dentro da sala de aula. Até parece que tem que ser proibida a discussão de alguma coisa dentro da sala de aula, na comunidade escolar.



Mas fico contente em ver que pessoas acreditam e estão fazendo a sua parte. Se cada cidadão fizesse a sua parte, nós teríamos um país diferente e governantes diferentes também.

Eu tenho as minhas convicções, como vocês colocaram as suas aqui. Acho que nós só teremos um país decente no dia em que mudarmos muito — mudarmos muito, radicalmente — o nosso processo educacional. Enquanto houver professores ganhando 2.400 reais por mês, não poderemos exigir que a educação seja de qualidade. É o que acontece no Estado de São Paulo, que não tem vergonha de não pagar nem o piso salarial aos professores. No Estado de São Paulo, que é o Estado mais rico da Nação, a maioria dos professores ganha menos que o piso nacional. Enquanto houver escolas mais feias do que os presídios — e no Estado de São Paulo há; estou falando do meu Estado, mas isso não é um privilégio só de São Paulo —, nós vamos perceber que o sistema educacional está doente. Enquanto ele estiver doente, teremos uma nação doente também.

Então, registro aqui a minha lamentação. Não serei Deputado a partir do ano que vem, mas vou continuar exercendo o meu direito de indignação e também procurando transformar essa indignação em ações, como vocês aqui fazem, principalmente os voluntários.

Paulo Freire dizia que o ser humano começa a morrer quando ele perde a capacidade de indignação. E a indignação precisa virar ação. Eu não quero perder a minha capacidade de indignação, quero continuar sendo um cidadão orientado pelo dramaturgo Plínio Marcos. Ninguém veio aqui a passeio. Todo mundo veio para exercer a cidadania. E ela é exercida de várias formas, como vocês aqui estão demonstrando.

Gostaria de dar uma nota boa para os Governos, mas ainda não merecem.

Parabéns a todos pela iniciativa!

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Washington Coração Valente. PDT - RS) - Obrigado, Deputado Vicente Candido, pelas palavras. Com certeza, acrescentou muito. Infelizmente, o próximo mandato não terá dois grandes representantes. Quem sabe num futuro próximo? Nós ficamos felizes com a sua presença, com a sua colocação. Também acho que, com um pouquinho mais de esforço dos governos, poderíamos ter resultados melhores em relação ao esporte, à cultura, a várias situações em que podemos crescer. E temos como crescer, nós temos.



Eu gostaria de dar início à leitura das perguntas enviadas pelas pessoas que estão nos acompanhando pelo e-Democracia. A primeira pergunta é de Anita Diniz, doutoranda em Ciências do Movimento Humano da Universidade Tecnológica Intercontinental — UTIC Paraguai:

O Jornalista e Educador Alexandre Le Voci Sayd afirma que as escolas duplicam os fracassos do currículo no contraturno ao não valorizarem o esporte como projeto pedagógico. Portal do Aprendiz. O que pode ser feito para mudar esta situação? Priorizar a educação pública, gratuita, laica e civil?

Essa pergunta é para todos. Quem se sentir à vontade para responder, pode fazê-lo.
(Pausa.)

Refaço a pergunta:

O Jornalista e Educador Alexandre Le Voci Sayd afirma que as escolas duplicam os fracassos do currículo no contraturno ao não valorizarem o esporte como projeto pedagógico. O que pode ser feito para mudar esta situação? Priorizar a educação pública, gratuita, laica e civil?

É a pergunta de Anita Diniz.

Quem gostaria de responder? A pergunta é para todos. Se não se sentirem à vontade para responder, eu passo para outra pergunta.

O SR. JOSÉ FERREIRA DE BARROS - A pergunta da Anita mexeu comigo, ainda mais depois de ouvir o Deputado que falou da escola.

Eu creio que a educação é laica. Como cidadão e coordenador de um projeto há 15 anos, o nosso Forças no Esporte, eu creio que, na sua pergunta, ela clama por uma coisa muito interessante. A ferramenta do esporte foi tirada da escola. O Programa Forças no Esporte ou o Programa Segundo Tempo existem porque o esporte foi tirado da escola.

Eu acho que a criança tem que fazer educação física, sim, duas ou três vezes por semana. Pelo esporte você consegue modificar o quadro e detectar algumas deficiências no corpo da criança, na mente da criança.

Então, o que eu gostaria de compartilhar com a Anita é a certeza de uma coisa: a nossa representante do Ministério da Educação nesta Casa, no nosso Parlamento, trabalhará por essa unificação.



O laico hoje, em nosso País, eu acho que é muito importante, no momento em que nós abandonamos um pouco o criador, o formador de toda a educação universal. Isso foi tirado da escola, assim como a parte da cidadania e a do esporte.

Então, eu creio que essa conclamação da Anita vem ao encontro desses projetos sociais que estamos fazendo, que, na verdade, deviam estar sendo feitos na escola mesmo. A escola tem que melhorar nesse aspecto, porque o que fazemos já é um apoio à escola.

Anita, parabéns pelo seu sentimento! Tenha certeza de uma coisa: estamos, com a nossa infraestrutura, ajudando nesse sentido. Gostaria que um dia não fosse mais preciso usar a infraestrutura que está pronta. Gostaria que essa infraestrutura fosse revertida em melhorias na escola. Como o Deputado disse, uma escola feia parece um presídio. Foi a voz do povo brasileiro que falou nesta tarde aqui para nós. Não é a maioria, é uma minoria. Nós temos escolas bonitas.

Anita, estamos juntos nessa guerra. Tenha certeza de que um dia a escola será bem laica e bem esportiva, com educação física três vezes por semana. Esse é o enfoque com que gostaria de responder a você. Nós da Defesa estamos preenchendo essa lacuna que você gostaria que fosse preenchida na escola.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Washington Coração Valente. PDT - RS) - Obrigado, comandante.

A pergunta seguinte é de José Eduardo, professor de Educação Física da Secretaria de Educação do Distrito Federal, e é dirigida a todos:

Gostaria muito de entender porque até hoje não se enfrentou o maior "adversário" das políticas públicas voltadas para o Desporto Educacional (Art. 217 da CF): a mobilidade dos estudantes no contraturno.

Essa pergunta é para todos. Quem estiver à vontade para responder, pode fazê-lo.

Vou repetir:

Gostaria muito de entender porque até hoje não se enfrentou o maior "adversário" das políticas públicas voltadas para o Desporto Educacional: a mobilidade dos estudantes no contraturno. (Pausa.)

O SR. WILSON ALVES CARDOSO - Essa é uma questão muito mais política do que qualquer outra coisa. Hoje, com a Base Nacional Comum Curricular — BNCC abrindo espaço para a discussão do desenvolvimento da escola na região e para um projeto



estruturado local, vai ser muito fácil. É o tempo, na verdade. Não se pensou em esporte como formação de base nacional. Eu acho que houve um início, sim, com o programa chamado Segundo Tempo, mas ele foi fragmentado, em virtude das estruturas políticas.

O SR. PRESIDENTE (Washington Coração Valente. PDT - RS) - Obrigado, Wilson.

A próxima pergunta é de Johnny Godoy: *Os municípios que desenvolvem programas de formação ou lazer esportivo, devem ser apoiados e priorizados com os recursos federais, mas de forma direta, e não via programas criados pelo governo federal. E com menos burocracia, a qual acaba por inviabilizar este possível apoio. Como vocês veem isso?*

O SR. JOSÉ FERREIRA DE BARROS - Johnny Godoy, eu quero lhe dizer que a dificuldade é muito grande para você tocar um programa hoje no País. Para nós lá do Ministério da Defesa é uma dificuldade. Os recursos chegam via TED — Termo de Execução Descentralizada. É uma burocracia sofrida. Eu creio que o encaminhamento deveria ser feito por meio de programas de Estado, para preenchermos essa lacuna. Hoje nas escolas não temos condições de atender a tudo isso.

Parabenizo o Ministério da Educação pelo Programa Mais Educação, que é muito importante. O Programa Segundo Tempo, do Ministério do Esporte, que chamamos lá no Ministério da Defesa de Forças no Esporte, entra na vertente da pessoa com deficiência, mas é executado com uma dificuldade muito grande. Eu acredito que nossos programas seriam sustentáveis se houvesse programas de Estado, porque o nosso Termo de Execução Descentralizada é sofrível.

Observar que essa não é a finalidade da Defesa, mas ela faz isso pelo bem da soberania nacional, para abraçar o nosso País. Nós estamos abraçando essa causa porque há necessidade, há carência.

Eu queria lhe dizer, Johnny Godoy, que essas iniciativas da arquidiocese, do IDECACE e do MEC são emergenciais. Ou enfrentamos isso ou a nossa meninada vai levar 20 anos para ver estruturado o nosso sistema educacional esportivo.

Então, eu quero parabenizar todos esses institutos, esses espaços físicos que atuam para melhorar essa lacuna. Eu creio que a representante do Ministério da Educação também trabalha com esse fim, de melhorar as nossas escolas, para que, dessa forma, não precisemos fazer o nosso trabalho dentro de outros órgãos.

A SRA. JACQUELINE QUEIROZ DE MELO - Johnny Godoy, eu gostaria de me colocar em relação à transferência de recursos e lembrar que nós tivemos um ganho muito



grande com o Plano de Desenvolvimento da Escola — PDDE Interativo, pelo qual conseguimos passar o recurso diretamente para a escola. Os gestores relatam que isso é um ganho significativo, porque realmente eles têm autonomia para executar as ações diretamente dentro da escola e eles são os responsáveis pela prestação de contas do que é executado.

Muitas escolas relatam que essa descentralização via PDDE, que é feita pelo FNDE — Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, foi um avanço, justamente por causa dessa burocracia no repasse que é citada. O PDDE vem para de alguma forma amenizar essa burocracia. As escolas relatam que é muito mais fácil, através do plano que elas desenvolvem, executar a ação com esse recurso que cai direto na Unidade Executora. Basta que a escola tenha uma Unidade Executora Própria.

O SR. PRESIDENTE (Washington Coração Valente. PDT - RS) - Obrigado, Jacqueline.

Vou ler a pergunta enviada por Marcelo Simieli diretamente para a senhora:

Cuidado com esses facilitadores que não tem formação. Esses facilitadores devem ter formação para não prejudicar os alunos. Hoje a profissão de educação física é regulamentada. Todos os profissionais têm que ter registro nos respectivos conselhos dos seus Estados. Não é o caso de rever esse texto?

A SRA. JACQUELINE QUEIROZ DE MELO - Sim, Marcelo, o facilitador é um voluntário. A escola também tem autonomia para fazer uma análise do perfil desse voluntário. As escolas geralmente analisam e procuram trabalhar com aquele voluntário, procuram desenvolver a atividade com aquele voluntário que tem formação. Eu não posso falar diretamente de um caso específico. Nós temos no Ministério alguns parceiros que desenvolvem o Programa Mais Educação que participam de formações. São profissionais que desenvolvem o trabalho voluntário e também participam de algumas formações de parceiros, para continuar trabalhando de forma voluntária cada vez mais capacitados, treinados. Não sei se é um caso específico.

Eu poderia até dar o exemplo das parcerias que já existem com militares. Há muitos militares que trabalham como voluntários e são profissionais na área de educação física. Eles trabalham como voluntários, exercem essa atividade nas horas vagas e participam do plano de atendimento. Essa parceria existe. São as escolas que buscam na própria comunidade o melhor perfil. E eles têm autonomia para dizer com qual atividade têm



facilidade para trabalhar. Como se busca na comunidade, geralmente são pessoas muito próximas da escola. Elas têm que buscar um parceiro com a formação adequada para a atividade que querem desenvolver.

O SR. PRESIDENTE (Washington Coração Valente. PDT - RS) - Obrigado, Jacqueline.

Vamos passar para as considerações finais.

Depois da Jacqueline, tem a palavra o Wilson para as suas considerações, antes de fazermos o encerramento — e peço que seja breve, até por questão do tempo —, e por último falará o Comandante José.

O SR. WILSON ALVES CARDOSO - No próximo período, entraremos num formato importante de parcerias com Estados e Municípios.

Eu acho que vale a parceria com entidades do terceiro setor que possam acrescentar algo ao processo e com entidades reguladoras. Vemos hoje que os CREF e o CONFEF estão à disposição.

Inclusive, esse trabalho que nós estamos fazendo hoje na área da educação só foi possível a partir do momento em que entendemos que o profissional de educação física precisa de qualificação. Levamos em consideração que criar possibilidades novas no mercado é viável, e elas precisam ser estudadas.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Washington Coração Valente. PDT - RS) - Tem a palavra a Jacqueline.

A SRA. JACQUELINE QUEIROZ DE MELO - Eu só queria agradecer pela oportunidade de expor o programa, a forma como vimos trabalhando o Novo Mais Educação.

Mais uma vez quero dizer que acreditamos que educação e esporte caminham juntos. Nós acreditamos que essa mudança pode acontecer através do esporte.

E quero dizer, como professora de biologia, que eu acredito que não há como separar corpo e mente. É uma coisa só. Não acredito que consigamos trabalhar o indivíduo de forma integral se ele não for realmente trabalhado de uma forma contextualizada. Eu acredito que a formação realmente só é integral quando isso é levado de forma bem... Eu acho que a interdisciplinaridade nessa área é a palavra-chave.

Eu queria agradecer muito pela oportunidade.



O SR. PRESIDENTE (Washington Coração Valente. PDT - RS) - Obrigado, Jacqueline.

Tem a palavra o Comandante José Ferreira.

O SR. JOSÉ FERREIRA DE BARROS - Quero agradecer também, Deputado, por esta oportunidade. Espero que 4 anos passem rapidamente. Eu vou incentivar o senhor, onde estiver, a voltar a esta Casa, porque vamos sentir saudades.

Jacqueline, vou procurá-la, para matar a saudade.

O Wilson, do IDECACE, citou uma coisa importante. Senhores, como é que um professor de educação física não tem visão para descobrir talentos? É uma lacuna terrível. É muito estranho. Mas ele está fazendo. Quando eu terminei a faculdade de educação física, não sabia como era descobrir um talento — *"o centro de gravidade serve para quê?"*

Então, Wilson, parabéns por essa sua iniciativa, que vai ajudar muito os nossos professores!

Eu queria agradecer pela presença a todos aqui. Eu não vou dar uma de político, porque não sei fazer isso direito, mas queria agradecer a todos e dizer que as instalações das Forças Armadas, que é a casa de cada um de nós, que é a nossa casa, estão de portas abertas para a criançada. É como um desafio mesmo. Se quiserem me procurar ali, está aí o endereço. Se quiserem incentivar, ser voluntários, para melhorarmos essa parte do nosso Programa Forças no Esporte, junto com as outras iniciativas, nós estamos prontos para recebê-los. Agradeço de coração.

Hoje nós atuamos em todo o território nacional. Somos uma parcela pequena, mas eu tenho certeza de que é a necessidade do nosso País. Vamos lutar por essa causa. Eu quero agradecer de coração a oportunidade. Até quando Deus me der força, vou lutar contra a desigualdade no nosso País. Nós temos que lutar contra isso. Eu creio que não é possível, num país tão rico como este, não se atacar isso. Temos que ir com toda a iniciativa possível — privada, pública, de coração, como voluntário.

Deputado, até esse coração valente do senhor vai me animar mais. Muito obrigado por esta oportunidade. Sou um voluntário nesta causa.

Se você ajudar uma criança, você já fez muito. É menos um camarada dizendo que não há amor e carinho por ele.

Muito obrigado pela oportunidade.



O SR. PRESIDENTE (Washington Coração Valente. PDT - RS) - Obrigado pelas palavras, Comandante José Ferreira.

Gostaria de agradecer pela presença a todos vocês — Wilson, Jacqueline, comandante.

Eu acho que foi uma audiência pública que acrescentou bastante, em que se uniram muitas ideias. Eu creio que este trabalho, apesar de parecer insignificante, de parecer o trabalho de uma formiguinha, vai ter um sucesso muito grande.

Nós estamos trabalhando especificamente pela formação do cidadão. Dentro de todas as formações, como nós começamos a conversar aqui, há trabalhos específicos de cada área. Por se tratar de esporte, o Ministério do Esporte poderia unificar os Programas Mais Educação e Segundo Tempo e, juntamente com o IDECACE e outras ONGs, formar um programa só, unificado. Porque haverá mais recursos, haverá mais democratização, haverá mais uma linha de pensamento, haverá mais uma conduta. E, através dessa conduta, isso vai se espalhar pelos Governos, por Estados e Municípios. Hoje é um projeto lá, outro cá, os objetivos são os mesmos, mas estão muito espalhados, e as pessoas ficam confusas sobre aonde buscar esses recursos. Com o programa unificado, você democratiza o projeto, e as pessoas sabem onde buscar os recursos. Acredito que o Ministério do Esporte tem que tomar essa iniciativa, talvez não mais como Ministério, mas como Secretaria no próximo Governo. Acredito que os projetos devem estar unificados, para que as pessoas possam buscar os recursos e a união de pensamentos num setor só, que faria a distribuição. Eu acredito muito nessa situação.

A formação da criança começa lá embaixo. O futuro da educação e da segurança pública também estão inseridos no esporte, que já transformou muita gente — sabemos de muitos casos — e pode transformar muitos mais.

Acredito muito no futuro do nosso País a partir da inserção na educação do esporte, da cultura e do lazer. Como estamos falando do esporte aqui, eu ainda luto muito por essa que é uma das principais ferramentas da transformação social, da transformação da criança, da transformação do adolescente, da transformação do adulto, enfim, da transformação do cidadão. Vou lutar bravamente para que o nosso País ofereça um futuro melhor às nossas crianças, aos nossos filhos e aos nossos netos. Que eles sejam transformados pela educação, que é o fator principal, sim, mas também pela inserção nela da cultura, do lazer e do esporte.



Agradeço a vocês pela contribuição. Com certeza esta vai ser uma luta sem fim, mas está aqui um soldado que vai lutar muito pela inserção do esporte na educação do nosso País.

Convido a todos para a reunião de audiência pública que será realizada amanhã, dia 5 de dezembro, neste mesmo local, para o debate do sistema tributário para os atletas e treinadores profissionais no esporte brasileiro.

Isto posto e nada mais havendo a tratar, declaro encerrada a presente reunião.

Obrigado.